

ELIANA CARDOSO

Bonecas russas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Eliana Cardoso

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Tereza Betinardi

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Isabel Jorge Cury

Angela das Neves

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cardoso, Eliana

Bonecas russas / Eliana Cardoso. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2462-6

1. Romance brasileiro I. Título.

14-04652

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1. Em que Leda aparece nua, 9
2. Em que Leda se lembra de Francisca, 12
3. Em que Francisca escreve para Rosália, 16
4. Em que Rosália impõe ordem na narrativa, 21
5. Em que Lola adolescente conta a Leda como se mudou de Minas para São Paulo, 26
6. Em que Leda fala de padre Mateus para Lola, 32
7. Em que Leda e Lola chegam atrasadas para o jantar, 37
8. Em que Lola relata o aprendizado de Leda, 41
9. Em que Leda se casa com Joaquim Pinto Fernandes, 46
10. Em que Lola se casa com Modesto Mendonça de Bragança, 50
11. Em que Miranda se corresponde com Modesto, 55
12. Em que Lola descobre a traição de Modesto, 61
13. Em que Joaquim deixa Leda, 67
14. Em que Lola lê o diário de Leda, 70
15. Em que Leda e Lola tomam café, 75
16. Em que Miranda escreve para Jacinto, 81

17. Em que Miranda continua a escrever para Jacinto, 84
18. Em que Modesto relata como Miranda foi embora com Jacinto, 88
19. Em que Leda escreve para Lola, 91
20. Em que Leda e Lola passam férias na praia, 95

1. Em que Leda aparece nua

Com o corpo ereto, os braços estendidos ao lado do tronco e as palmas das mãos voltadas para a frente, Leda apareceu nua no vão que separava a cozinha da sala de jantar.

— Lola. Olha.

— O quê?

— Quero saber o que você vê.

— Uma velha pelada.

— Detalhes. Os detalhes, querida.

— Por onde começo?

— Pelos pés.

— *A seus pés depositei meus sonhos. Pisa leve. Sobre eles você caminha.*

— Deixa os poetas em paz. Diz o que você está vendo.

— Um dedo mínimo encolhido. Um dedão reto, bem apoiado no chão. Os orientais dizem que isso é sinal de vigor sexual.

— Na minha idade?

— E por que não?

— Continua.

— Unhas redondas, esbranquiçadas. Sem esmalte. Pés grandes e magros. Tendões e veias visíveis sob a pele pálida. Mais dez anos e esses pés serão como os galhos retorcidos de árvores secas.

— E os tornozelos?

— Ainda finos. Não são os tornozelos desses *Aquiles que andam por aí, da cabeça aos pés um imenso calcanhar.*

— Chegamos às panturrilhas?

— Grossas... Exibem músculos de quem fez balé na infância. Os joelhos têm a pele mais escura que a do resto das pernas brancas, trilhadas por veias pequeninas e azuis. Não são as pernas de louça da moça que passa! E eu não posso pegar...

— Tô me guardando pra quando o Carnaval chegar.

— Já não haverá tempo.

— Você disse o mesmo na primeira vez em que me viu nua.

— A primeira vez que a vi *achei que tinha pernas estúpidas.!* *Achei também que a cara parecia uma perna.*

— Mas entre as pernas eu guardava *casa de água! E uma rajada de pássaros.*

— E... *A castidade com que abria as coxas! E reluzia a sua flora brava.*

— Você se lembra dos filmes da nouvelle vague em que o triângulo das mulheres era um matagal crespo de pelos asustadores?

— Se foram com o fio dental. Continuo?

— Por favor. *Aqui estão as mãos.!* *Trêmulas barcaças onde a água,!* *a tristeza e as quatro estações!* *penetram, indiferentemente.*

— Chega, Leda. Vamos nos atrasar para o jantar com o padre Mateus e a tia Rosália.

— Temos tempo.

— Seu amigo me prometeu desvendar mistérios.

— O padre Mateus está velhinho... O que ele teria para nos contar?

— Acho que vou pular os seios e passar direto para os olhos. *Muito mais velhos que o resto do corpo./ Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse.*

— *É que tem mais chão nos meus olhos/ do que cansaço nas minhas pernas,/ mais esperança nos meus passos/ do que tristeza nos meus ombros,/ mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.*

— Café?

— Um copo de vinho.

— Já sei. Tinto de sangue.

2. Em que Leda se lembra de Francisca

Ela gostava de ostras, lagosta, marrom-glacê e champanha. Eu gostava de pastéis, sorvete de baunilha e suco de mexerica. Ela era alta, linda e leve no salto muito fino. Eu era pequena e usava meias de algodão com mocassins. Ela costumava cantar. Se não tivesse sido escultora e ceramista, poderia ter sido música ou muitas outras coisas, mas nunca lamentou a profissão que escolheu. O sucesso veio cedo. Expôs suas obras no mundo inteiro. Foi aplaudida. Ganhou prêmios. Eu sou dona de galeria de arte, como tia Rosália, e, se não fosse, não sei que profissão poderia seguir. Gosto do que faço, mas com frequência deixo passar um bom negócio. Queria cantar e não posso. Sou desafinada. Também não sei administrar meu tempo. Ela sabia. Não sei dançar. Ela sabia. Não sei abrir a boca numa reunião de bacanas. Ela sabia e os encantava. Adorava festas e se vestia com cuidado para qualquer evento. Nunca entendi por que temos de trocar de roupa para sair de casa.

Eu me chamo Leda.

Ela tinha muitos nomes: *sra. Francisca* para os repórteres

que iam entrevistá-la no ateliê de cerâmica no fundo da casa. *Dona Francisca* para a cozinheira. *Chica* para as companheiras com quem tomava chá nas quintas-feiras. *Chiquinha* para tia Rosália, a melhor amiga. *Querida* para a voz de barítono que eu escutava na extensão do ateliê quando ela corria para atender ao telefone no quarto. *Suamãe* para o papai.

— Leda, pergunte à *Suamãe* se ela vai demorar.

Abri a porta do ateliê.

— *Suamãe*, papai mandou perguntar se você vai demorar.

Ela e tia Rosália riram. Ainda rindo, tia Rosália disse:

— Leda. Presta atenção. Você não vai fazer seis anos? Não se diz “sua mãe”. É “minha”.

Tia Rosália às vezes me confundia. *Suamãe* era *minha* para ela? Isto é, dela? Talvez. A confusão durava menos de um minuto. Estava acostumada a negar a presença de tia Rosália quando ela dizia o que eu não queria ouvir. Não tinha erro. Para mim, Francisca havia sido *Suamãe* desde sempre e continuou sendo *Suamãe* mesmo depois que entendi o porquê desse nome, um entendimento que ocorreu muito antes do aprendizado dos possessivos no curso primário. Aprendi que, ao fazê-lo, eu provocava risos, e continuei a chamá-la como o fizera quando aprendi a falar. O hábito também fortaleceu o sentimento de que eu não a via como minha.

Muita coisa aconteceu naquela quarta-feira quando quebrei o vaso violeta que ela acabara de queimar e logo seria embalado para o vernissage na Galeria de Arte Rosália Bellini. Ela passara meses fechada no ateliê, moldando os vasos altíssimos e filiformes. Se bambus tivessem cores diferentes do verde e do amarelo da fotografia pendurada na parede do meu quarto, você poderia pensar que aquela coleção de vasos era uma floresta de bambus coloridos, alguns da cor do barro,

listrados de vermelho e laranja, outros inteiramente azuis ou prateados. O violeta era o mais bonito.

Terminada a queima, ela me deixara desenhando na mesinha que me cabia naquele espaço. Vou sair, me disse. Eu já sabia, pois a ouvira rindo ao telefone muitas vezes, enquanto seu tom de voz ia ficando cada vez mais baixinho. Eu não entendia a língua que *Querida* falava com *Moncheeer*, demorando muito no “e”, mas sabia que ela sempre saía depois de dizer à *bientôt*. Depois que ela se foi, subi numa cadeira para ver o vaso violeta mais de perto. Estendi a mão bem devagar para tocá-lo com carinho. A cadeira balançou e, ao tentar recuperar o equilíbrio, empurrei o vaso, que voou por conta própria e se espatifou no chão. Susto e medo. Ela tinha raivas imprevisíveis que me enchiam de pavor. Se papai tentava acalmá-la, era ainda pior. No meio da discussão, eu começava a chorar e *Suamãe* me mandava calar a boca e sumir. Some! Entendeu? Aquele dia seria minha ruína... Talvez não. Jesus não levantara um morto e o fizera andar? Milagres acontecem, papai costumava dizer.

Saí do ateliê, fechei a porta com cuidado e fui para o meu quarto. Da janela vi tia Rosália, que chegava com um grupo de empregados para empacotar as peças. Eles foram embora depois de carregar o caminhão.

O jantar também veio e se foi em calma rotina. Papai me levou para a cama, deu-me um beijo na testa e sumiu. Acordei assustada com a discussão. Quando entrei na sala, a cara de papai parecia cinzenta e *Suamãe* chorava. *Suamãe* chorando? Devia ter sido muito, muito grave o que eu fizera. Estava preparada para a raiva, mas aquele choro doía fundo. Papai disse alguma coisa com voz embargada. Escutei com atenção.

— Perdão? De que nos serviria? Pense num vaso que se quebrou. Ele pode ser colado? Claro. Mas nunca seria o mesmo.

Enchi o peito com a coragem que eu nunca soubera ter.
— Fui eu que quebrei o vaso.

Os dois me olharam espantados. Tive a impressão de que minha fala era descabida. Não havia raiva nos olhos de *Suamãe* e nos de papai havia uma enorme compaixão. No dia seguinte, *Suamãe* mudou-se para a casa de tia Rosália e meses depois foi para a França com *Moncheeer*. De lá me mandou muitos cartões, mas nunca mais veio a São Paulo.

Fui visitá-la em 2007 numa viagem a Paris. Ela continuava elegante e se perfumou para caminhar comigo nos jardins de Luxemburgo. Parecia mais jovem do que eu. Ainda gostava de ostras e champanha. Tinha abandonado a cerâmica a pedido de “cher”, que perdera o “mon” e o “e” prolongado. Perguntei sobre o vaso violeta e ela mostrou surpresa.

— Rosália nunca mencionou a falta de um vaso no vernissage. A exposição foi um sucesso.

E se calou, fechada em lembranças nas quais eu não estava. *Suamãe* morreu naquele mesmo 2007. De repente. Como um vaso de barro que voa, rodopia no ar e se estilhaça com a queda. Ainda hoje dói não ter sabido fazê-la minha.